YUKIO MISHIMA
GENET
seguido de
O CONDENADO
À MORTE
de JEAN GENET
hiena

GENET
seguido de
O CONDENADO À MORTE

HIENA EDITORA
Apartado 2481
1112 LISBOA CODEX

Títulos dos originais
GENET
LE CONDAMNÉ À MORT

Tradução de
ANÍBAL FERNANDES

Capa de
RUI ANDRÉ DELÍDIA
s/ fotografia de Raymond Voinquel

YUKIO MISHIMA

GENET
seguido de
O CONDENADO À MORTE

Tradução de

ANÍBAL FERNANDES

HIENA EDITORA

GENET

Traduzido por Sankichi Asabuki, o *Diário do Ladrão* [1] dá a conhecer aos Japoneses Jean Genet.

Genet é a obscenidade que segue a par com a nobreza, o execrável e o sublime. Nascido de pai incógnito e logo abandonado pela mãe num asilo da Assistência Pública, será nele — órfão com vida apenas vivida em cenários de casas de correcção, prisões e espeluncas — que o século XX encontrará um místico entre os que tem de maior estatura. A eterna juventude de Genet faz pensar no anjo que transporta ferocidade de uma fera em pleno rosto.

---

[1] Embora exista uma tradução portuguesa do *Journal du Voleur* que entendeu restritivamente o *ladrão* de Genet, e faz a obra correr por aí com o título *Diário* de um *Ladrão*, neste texto utilizaremos a sua forma correcta e em conformidade com o entendimento do autor, que é *Diário* do *Ladrão*. *(N. do T.)*

Swedenborg descreveu assim os anjos: «Um casal de anjos, nos céus, não é união de dois anjos mas um anjo apenas.» «No universo celeste a função dos anjos só depende da correspondência que entre eles existe.» «Os anjos têm sempre o rosto voltado para Leste.»

Pois é verdade. Genet faz-se campo de uma partenogénese. Por correspondência constante com a natureza, em nome de uma trindade santa consuma a sua função: roubo, homossexualidade, traição. E traz sempre o rosto voltado para a luz.

Ele próprio colocado nas piores condições, estranho foi chegar, como chegou, à expressão mais alta. Mesmo quando o romance autobiográfico japonês pinta uma miséria extrema, só a pinta envolta em dignidade, como entre os envelhecidos escritores que descobriram o romantismo do século XIX. Ora a verdadeira força de penetração física que a cultura tem é a que chega a exprimir domínios onde a própria expressão se faz impossível. Que ela exiba a oculta face do mundo, para a realidade começar a existir ainda mais. Uma

cultura de maturidade plena não se limita a gerar fantasmas da inteligência: também gera animais selvagens. A Europa já nos mostrou duas ferocidades destas: um Nijinski, expressão da selvajaria pela selvajaria; e Genet, expressão do mal pelo mal. Sartre foi lúcido ao dizer que Genet não escreve sobre o mal mas na condição de próprio mal.

Não teve instrução nenhuma, Genet, e por estranho jogo de correspondências vão no entanto encontrar-se no *Diário do Ladrão* tradições do romance picaresco europeu, o sentimento paganista da natureza desses pensadores que D. H. Lawrence refere no seu *Apocalipse* [2], a tradição moralista francesa, a linha de personagens niilistas que Camus citou na sua «revolta metafísica»... e ainda a sombra de Pascal, e ainda a sombra de Baudelaire.

A prisão onde fecharam Genet não era prisão para objectores de consciência. Tal como o homem com génio da música quer ser

[2] Publicado em português nesta mesma colecção. *(N. do T.)*

músico, Genet, que tinha o génio da prisão, fazia a prisão aproximar-se dele. Talvez haja quem o ache hermético. Mas obscuro, nele, só o vocabulário. Balzac, ao mostrar que conhecia a vasta gama da gíria dos ladrões quando a utilizou na quarta parte do seu *Esplendores e Misérias das Cortesãs*, soube desnaturá-la subtilmente para ficar transformada em qualquer coisa a que podemos chamar gíria objectiva. Genet, esse, foi o primeiro a escrever um romance com gíria subjectiva. De facto, a vocação de humildade e as experiências degradantes de Genet eram exercícios de pureza sem possibilidade de encontrar equivalente no sentido vulgar. Além disso, abandonando a expressão ortodoxa para utilizar um vocabulário extraído à sua carne e ao seu sangue, atingia a pureza sob a forma de uma singular expressão.

Era seu sonho permanente «reabilitar» a miséria humana onde ele próprio, Genet, se encontrava. E porque pensou consegui-lo com a obliquidade da arte verbal, ficou mais poeta do que escritor. Na renda de mau papel que a mão áspera dos forçados lhe ensinou a

recortar, encontrou o fundo de miséria a que desejaríamos fechar os olhos, miséria que soube ensinar-lhe, porém, o desejo de reabilitação. Armand, gigante espadaúdo cujo aspecto basta para evocar «o cárcere, onde parecia o mais significativo, o mais ilustre dos seus representantes», resmunga quando o obrigam a lembrar-se da época em que ele próprio se esmerava a fabricar com desajeitadas mãos essa renda de papel, ao mesmo tempo que lutava contra a sensação de estar a humilhar-se até aos limites do suportável. «Se julgas que pode saber-se fazer tudo, é porque não passas de um parvo». Genet, na prisão, quando vê um encarcerado fazer suaves e ingénuos poemas de amor que os outros admiram, vai pela primeira vez sentir esse desejo de reabilitação. E por isso mesmo escreve *O Condenado à Morte*. No entanto, não só os outros lhe não compreendem o poema como o criticam de forma selvagem. E que isto possa parecer legítimo ou inesperado será, ao fim de contas, a mesma coisa.

É normal que versos escritos com carne e sangue, expressão poética que usa uma gíria

subjectiva, não fiquem ao alcance do leitor médio. Mas vinda de homens, eles próprios encarcerados, esta incompreensão o que significa? Com isto Genet cai numa solidão de sentido bem diferente da banal «Solidão do artista». O que significa o acto de um homem que está numa situação precisa e se exprime? Será afastar-se dessa situação? Ou, ao contrário, fazer corpo com o elemento fundamental e origem dessa mesma situação?

Genet define a poesia assim: — «A palavra *ladrão* designa quem faz do roubo sua actividade principal. E pondo-lhe esse nome está a defini-lo eliminando, ao mesmo tempo, o que não for ladrão. Está a simplificá-lo. A poesia consiste na consciência maior desta qualidade de ladrão. Mas talvez a consciência de outra qualidade qualquer, capaz de fazer-se essencial ao ponto de nos poder designar, também seja poesia.»

No século XX, os romances de Malraux elaboraram um tipo que Baudelaire já tentara ser; o homem que actua e ao mesmo tempo é actuado, que é exprimido e exprime, que é julgado e julga, que é condenado à morte e executa.

Genet, quando caminha ao lado de três companheiros exprime assim o que sente: «Eu era a consciência deles a reflectir.»

Expressão irónica e simultaneamente muito subtil. A trajectória artística de Genet, desde os incompreendidos inícios literários d'*O Condenado à Morte* até aos dias de hoje, em que é universalmente reconhecido, progrediu sempre em linha recta, rumo à conquista da «arte pela arte» mas sem deixar de respeitar o seu próprio erotismo. Pretende mostrar que, ao atingir-se o primeiro estádio de reabilitação, apenas resta adquirir a santidade. Santidade que é, di-lo Genet, a união com Deus quando julgador e julgado formam uma só pessoa e o eu renuncia a ser, ao mesmo tempo, juiz e vítima.

Para Genet isto é cem por cento verdadeiro: um dia transformou-se em S. Genet; mas com toda a sua obra atrás de si.

Ao reconhecer-se no papel de condenado à morte e carrasco, Baudelaire previu este inferno da relatividade onde teve um dia de cair

o acto chamado expressão. E pressentiu uma época que é paradoxal, e onde o acto suicidário há-de ligar-se ao acto expressivo e ao acto artístico [3].

É simbólica, a homossexualidade de Genet. Os amores que descreve no *Diário do Ladrão* situam-se entre o espiritual e o físico. São amores que nascem em todos os seres capazes de ultrapassar, como a gravitação universal, a diferença dos sexos. Por isto, no «casamento dos anjos» de Swendenborg a união se realiza num só corpo. Ao estreitar contra si o rapaz que ama, Genet como que realiza este casamento de anjos. As características físicas de Stilitano não passam, realmente, de um fruto da imaginação do eu; e Stilitano não existe. Por acaso, a recriação do físico pelo espírito concretiza-se aqui sob a forma do desejo erótico, o que produz dois efeitos: por um lado o irradiar das visões, por outro a fusão dessas mesmas visões que nunca se violam

[3] Nos seja permitido recordar, aqui, o caso do próprio Mishima. *(N. do T.)*

mutuamente e realizam uma união metafísica.

Antes desta união, o mundo estava abandonado à relatividade. Lá para o fim do romance, Genet descreve o amor que liga o ladrão a um polícia. Ora acontece que nada, como esta história de Carmen passada entre dois homens, reduz tanto a sociedade que o rodeia à existência relativa. O eu-Genet pergunta ao amante polícia:

— «Se pudesse dar-se a ordem de me prenderem, prendias?

«Não pareceu perturbar-se mais tempo do que seis segundos. Com uma sobrancelha franzida, respondeu:

— «Havia de arranjar-me para não ser eu a fazê-lo. Pedia a um camarada que o fizesse.

«Tanta baixeza, em vez de me revoltar aumenta-me o amor».

A união que aqui se faz constitui uma situação hipotética e achamos nela o motivo que leva Genet ao acto de exprimir-se e a dizer, no *Diário do Ladrão*, que se trata de uma «busca da impossível nulidade». Mas como

chega Genet a criar tão habilmente uma forma de exprimir-se com origem neste inferno da relatividade? Usando uma técnica igual à que governa a união artificial do erotismo. É evidente que as relações entre polícia e ladrão comportam uma irracionalidade, mas introduzindo o erotismo Genet confere ao próprio criminoso um carácter agnóstico tal, que toda a traição do outro se faz impossível. Este agnosticismo e esta traição impossível são condições próprias do erotismo e por hipótese incluem a vaidade que existe numa tal busca. O cacho de uvas de Stilitano é símbolo absoluto do mecanismo deste erotismo. Genet cria os seus fins, os seus objectivos, por um mecanismo que lembra os escritores do século XVIII. No universo dos objectivos o primeiro tema de espanto é-nos dado quando a sedução de Stilitano se esbate, mas Genet considera esta descoberta precisamente como o despertar da inteligência. «Também julgo lembrar-me de que tive a revelação de um conhecimento absoluto ao reparar, de acordo com a distanciação luxuosa de que falo, numa mola de roupa abandonada num arame. Tive

a percepção da elegância e da estranheza deste pequeno objecto conhecido *sem ficar espantado.*» A metamorfose de Stilitano constitui, evidentemente, esta mesma mola de roupa: «Mais tarde, quando eu aplicar uma distanciação igual a esta sem me recusar a ficar perturbado por um bonito rapaz, quando eu aceitar que ele me impressione e, recusando à emoção o direito de me dirigir, o examinar com lucidez idêntica, terei conhecimento do meu amor; a partir dele vou estabelecer relações com o mundo: e então nascerá a inteligência.»

Só na arte é possível a união entre o amor e a lucidez. Por isto o chamado materialismo obsessionante de Genet se transforma, pura e simplesmente, numa espécie de misticismo. As descrições que ele faz da natureza (em total oposição às de Proust) rivalizam com as melhores da literatura do século XX: o sol que se levanta entre rochedos do molhe de Cádis, o licórnio que aparece nos imensos campos de centeio na fronteira entre a Checoslováquia e a Polónia, os quadros onde Genet redescobre a natureza do mundo pagão.

Ali, onde este peregrino imprime as suas pegadas como na época em que o Imperador Adriano, «sem querer saber da mudança das estações, caminhava nas neves da Caledónia ou nos desertos do Alto Egipto a pé e de cabeça descoberta, à frente das tropas» [4], desenvolvem-se os sinais distintivos da Europa. O mar, como o vê um nadador, o campo que se vê entre tufos de erva quando nos deitamos no chão; para modificarmos radicalmente o mundo basta olhá-lo ao rés do solo e notar que as fronteiras não têm, como é sabido por todos os ladrões da Europa, nenhuma espécie de valor. Vista de um ângulo destes, a inordenada imensidão do mundo permanece incomparável.

Genet dissemina assim criaturas suas, estátuas nuas dos rapazes que ama, esta cidade que só é mar, rochedos, florestas, campos de trigo, montes de pedra, cidade que é vista de acordo com a própria natureza de Genet, solo baixo, o mais rasa possível.

---

[4] Gibbon, *História da Decadência do Império Romano. (N. do A.)*

A metamorfose dá-se constantemente, tal como escorre sangue pelas têmporas de jovens soldados feridos e se transforma num matagal de cerejeiras com ramagem farta. A existência física mais não é que pormenor da natureza panteísta.

Desde há muito a nossa época se afastou do *pathos*. Ora acontece que Genet ressuscita um estilo patético no verdadeiro sentido do termo: nobre sentimento de carácter passivo que o *pathos* é, passa a ter o lugar daquela paixão activa que Balzac e Stendhal largamente desenvolveram. E em Genet, tal como em Aristóteles, *pathos* e *ethos* são totalmente opostos.

Genet designa por «nobreza», em vez de «crime», o rasgão que toda a moralidade oculta. Genet é esse rasgão. Ao sair da casa de correcção, quando o mandaram para junto de uma família de camponeses, no sul da França, era amável e meigo rapaz a transbordar de sentimentos religiosos. Mais tarde, penetrado por todos os vícios, repleto já de uma vulgar alegria de gatuno, saberá dotar-se de uma

aflição severa e pura. Em muitos passos a sua obra exprime esta alegria triste.

No teatro antigo só as personagens lendárias tinham direito à tragédia. As do nosso mundo eram forçadas a instalar-se todas à sombra da comédia. Mais tarde, e por tempo muito longo, só os nobres foram admitidos no palco da tragédia, o que sucedeu até Balzac gratificar pela primeira vez um forçado no romance, forçado que é Vautrin e se distinguia entre todos por inteligência e força física, e dar-lhe uma paixão que se elevou até ao trágico. Nas obras de Genet a paixão desapareceu, mas graças a ele o trágico moderno afecta o homem no degrau mais baixo da sociedade. Nele nada se encontra de farsa burguesa, tal como Proust a descreve. Pelo contrário, no *Diário do Ladrão* há todas as condições para as suas personagens se salvarem da farsa.

De onde vem este patético aprofundado por um raio de luz mística? O ambiente que rodeia as personagens terá chegado para criá-lo? Claro que lhe não faltam elementos

patéticos para fazer uma tela de fundo lírico, desde «a tristeza do corpo que leva à loucura» até à solidariedade dos ladrões que vão tirar flores num cemitério para acompanharem na morte um dos seus, ou àquele cravo vermelho-provocante que o rapaz mete em todos os orifícios do corpo, ou à roupa interior que seca numa corda esticada através da cela e nos faz sentir ternura de coração e corpo nos rapazes que a habitam.

Contudo, nem só o cenário cria o patético. Chega-nos de um determinado carácter que todas as suas personagens possuem em comum. Todas trazem consigo o patético como uma armadura. Todas têm um ar de robustez física e «uma transparência que é a do espírito imoral». Apesar de Genet não dispor, ele próprio, de motivações negativas, os rapazes de quem gosta são negadores. O seu patético reside na considerável energia física que empregam a negar. Mas estes actos negadores — roubos, traições, assassínios — tão fechados na carne se encontram que a negação acaba por ser ineficaz. A essência do patético define-se pelo antagonismo entre a

energia de tais actos e o seu carácter puramente físico.

Genet venera a energia física transbordante mas o que ele ama nela é, ao fim de contas, a sua fraqueza. De facto, o físico como ele o entende funciona por metáfora da impotência da vida humana de hoje e constitui, por assim dizer e em paralelo, uma mitologia da reabilitação do corpo.

Os leitores bem educados desconcertam-se, acima de tudo, com o admirativo tom de Genet perante o nazismo: «Na época de Hitler só os Alemães conseguiram ser, ao mesmo tempo, Polícia e Crime. Esta magistral síntese dos contrários, este bloco de verdade, eram pavorosos e carregados de um magnetismo que há-de endoidecer-nos por muito tempo.» Não é a vontade de poder do nazismo que excita Genet. É o célebre *trágico* do espírito germânico que vai, com ou sem razão, revelar-se crise na morfologia política. Pelo que me toca penso que o nazismo é, na sua origem, a realização ou a politização imprudente de um conceito niilista; e daqui resulta

que foi uma religião da adoração física cuja impotência e ruína se faziam evidentes. Nada pode lembrar mais a ruína física de uma mocidade no auge da forma, do que a ruína do nazismo. E não pode ser, de modo nenhum, assimilada como ruína de uma ideia.

O esteticismo do nazismo comporta um perigo enorme. Quando anda sozinho nas ruas de uma Paris ocupada pelos nazis, o homossexual Daniel (Sartre, *Os Caminhos da Liberdade*) murmura: «Beleza, meu destino.» Sartre faz Daniel aceitar o nazismo, o mal, o crime, como uma necessidade. É aquilo a que se chama astúcia de romancista.

Ainda não abordei o lado visionário de Genet. Para Genet, a roupa dos forçados é às riscas cor-de-rosa e brancas, e as flores têm ligação estreita com os encarcerados. Constituem os lírios da época em que a flor-de-lis era o símbolo da humilhação. Um dia, porém, o lírio há-de ser reabilitado. Reabilitação da miséria ética. A esta miséria terá de «dar-se todos os atributos que expressam a volúpia da alta sociedade».

O milagre lírico: a tatuagem azul-escura que faz surgir no céu a primeira estrela. Palácio estranho, conjunto arquitectónico da delicadeza. Estreita coincidência entre a sumptuosidade física e o esplendor de todos os rituais deste mundo. Diamante. Vestido de púrpura. Sangue. Esperma. Flores. Estandarte de brocado de ouro. Olhos. Unhas. Coroa. Colar. Armas. Lágrimas. Outono. Vento. Ilusão. Marinheiro. Chuva. Culto. Ritual. Medium. Litania. Monarquia. Magia.

Estes elementos constituem a ordem do universo de Genet. Nada pode conferir, com justeza maior, tanta beleza à jóia de sangue e pus que se cristaliza na orla do ferimento do leproso, como a expressão que Genet de tão bom grado utiliza: «sumptuosidade da humilhação».

Ainda Genet estava preso quando a celebridade o marcou. Graças ao esforço dos amigos, foi posto legalmente em liberdade. E o artesão desse acto libertador, quem dirigiu ao Presidente da República uma petição, foi Jean Cocteau: Vautrin doentio, à espera.

O CONDENADO À MORTE

O Condenado à Morte é — no texto de Mishima se viu — estreia literária absoluta de Genet. E logo assim, à partida, Genet surge-nos intrigado pelo que iria ser maior mistério seu; nunca explicado neste domínio sumptuoso da palavra que apenas tem atrás de si a escolaridade elementar de uma casa de correcção, uma errância por marselhas e barcelonas adversa, o mais possível, à portentosa oficina de escrita que nos deu a conhecer.

Recorde-se: — Jean Genet, abandonado com sete meses de idade à caridade pública, e de identidade quase abstracta, mais tarde escritor pode dizer isto: Aos vinte e um anos obtive uma certidão de nascimento. A minha mãe chamava-se Gabrielle Genet. O meu pai continua incógnito. Vim ao mundo no nº 22 da Rua de Assas (...) ocupado pela Maternidade [1]. *Depois,*

[1] *Journal du Voleur.*

quando o confiam a um lar de camponeses do Morvan a história muda de cenário. E diz-se que foi dócil e religioso (religioso teria ele deixado alguma vez de ser?), embrulhado nos bons comportamentos que a Assistência Pública ensina, e que assim vai, um encanto, até aos dez anos de idade; até ao dia — afortunado?, fatídico? — em que o acusam injustamente de roubo. Imagine-se uma cena trivial de aparência mas sobrevoada por um grande esplendor de infernos; um ajuste de contas caseiro que chama de emergência deuses vingativos, e à frágil massa-Genet insufla aquela santa e capital rejeição das teologias cristãs que logo depois transforma numa leitura poética de inversão e deixa projectadas num espelho de estanho escandalosamente negro.

Entre os dez e os dezasseis anos, Jean Genet dá os primeiros passos numa moral nova que santifica o roubo, a traição e a pederastia. E não será escolha que o mundo perdoe; a casa de correcção de Mettray tenta amainar-lhe com martírios a natureza já minada por outra geografia moral. Dirá ele próprio: Eu sofria. Passava cruelmente pela vergonha de ser rapado, vestido com roupa infame, de estar consignado àquele

lugar tão vil; sofria o desprezo de outros colonos mais fortes do que eu, ou com maior maldade. Para sobreviver à desolação, quando andava de atitude mais fachada elaborava, sem reparar, uma rigorosa disciplina. O seu mecanismo era mais ou menos este (e desde então passarei a utilizá-lo): cada acusação que me faziam, fosse ela injusta, tinha um «*sim*» que me saía do coração. E mal pronunciava essa palavra — ou a frase que lhe era equivalente — dentro de mim próprio sentia a necessidade de vir a ser aquilo de que me acusavam. Eu tinha dezasseis anos. Compreenderam-me: no meu coração não havia nenhum canto onde pudesse alojar o sentimento da minha inocência. Reconhecia-me o cobarde, o traidor, o ladrão, o pederasta que eles viam em mim. Pode fazer-se uma acusação sem prova, mas para me sentir culpado há-de parecer que devia cometer actos que os traidores, os ladrões, os cobardes praticam; ora sucede que não: em mim próprio, e com um pouco de paciência, reflectindo eu descobria motivos bastantes para me chamarem assim. E tinha estupefacção de me saber

composto de imundícies. Fiz-me abjecto. A pouco e pouco me acostumei a esse estado. Muito calmamente o confesso. O desprezo que me tinham transformou-se em ódio: eu conseguira chegar onde queria!... No entanto, por que ferimentos passei [2]! *Outra confissão sua acrescenta qualquer coisa de muito importante e é quase uma profissão de fé:* Abandonado pela família, já me parecia natural que agravasse o caso com o amor aos rapazes e esse amor com o roubo; e o roubo com o crime ou a complacência perante o crime. E assim recusei, decidido, um mundo que me tinha recusado [3]. *Dirá noutro lado:* Sinto, porém, que o meu destino não é ser grande bandido [4]. *Genet vai ser apenas ladrão. Desde o dia em pôde evadir-se de Mettray, a sua casa é a rosa-dos-ventos. Marselha, Barcelona, a Itália, a Jugoslávia, a Áustria, a Checoslováquia, a Polónia, a Alemanha, farão parte da sua liberdade móvel de adolescente metido em contrabandos e mendicidades; que vende o corpo a burgueses, a turistas e a marinheiros.*

---

[2] *Journal du Voleur.*

[3] Idem.

[4] *Miracle de la Rose.*

A maior paragem em Antuérpia talvez seja um cansaço ou a sedução do seu amante Stilitano, chulo formoso da Sérvia desejado e inacessível. Tempos depois, em França, faz o primeiro roubo de grandeza que o nobilita: Sinto-me agora um homem que ganhou a liberdade [5].

Na casa dos trinta, porém, Jean Genet vive pouco da «outra liberdade». Ascende com um preço alto na hierarquia do mal, mas talvez seja rei: Estou só no mundo e não tenho a certeza de não ser o rei — talvez a fada — destas flores. Quando passo rendem-me homenagem, fazem-me vénias sem as fazer, mas reconhecem-me. Sabem que sou o seu representante vivo, móvel, ágil, vencedor do vento. São o meu emblema natural mas por elas ganho raízes neste chão de França alimentado com os ossos em pó das crianças, dos adolescentes enrabados, massacrados, queimados por Gilles de Rais [6]. *De prisão em prisão Genet faz-se mais santo, quer dizer, poeta; de palavras que andam às voltas no seu mundo interior, e, em silêncio e*

---

[5] Idem.

[6] Journal du Voleur.

segredo, constroem uma fauna fabulosa de que ele próprio é prisioneiro tímido e encantado.

Ao seu lado, na prisão de Fresnes, há aquele detido que mata penumbras quando escreve poemas à irmã — «lacrimejantes, idiotas», palavras do próprio Genet ao explicar-se a Jean-Paul Sartre num processo de canonização — e que ali à volta têm imenso êxito. Tão pobre poesia será grande desafio lançado a uma asa fechada de poeta. Incitado pela mediocridade, Genet vai escrever, Genet vai começar. E Maurice Pilorge, ladrão sublimado por um crime de trajectória inteira, é quem transpõe o seu portal e entra no poema: é o condenado à morte.

Se os outros detidos riram depois da leitura destes versos cruelmente míticos, pouco importa. Acabavam de entrar na literatura a morte e a beleza do crime esplendorosamente envoltas por uma magnificência de amor.

Em 1942 — com tiragem limitada e difusão clandestina, edição anónima que mais não refere, para a bibliografia, do que a palavra Fresnes *— aparece* O Condenado à Morte. *E ainda o autor está «lá dentro» já Hélène Martin canta «cá fora» umas estrofes suas que não doem excessivamente a ouvidos incautos.*

Traduzir O Condenado à Morte *propõe uma escolha entre vários abismos. Mas fazê-lo de métrica e rima (nenhuma delas essencial à poesia de Genet; se não o que de lá sobra de mais equívoco) seria amplificar-lhe um desvio. Por isso a opção deste correr a direito por cada estrofe; por isso o encontro natural dos ritmos que a esse correr mais convêm. Boa intenção, das que anda (Mallarmé — Poe, Pierre-Jean Jouve — Shakespeare, Yourcenar — Cavafy, etc.) a literatura cheia.*

A.F.

a Maurice Pilorge, assassino de vinte anos

O vento que rola um coração no pátio dos recreios, um anjo que soluça preso numa árvore, o pilar de céu que o mármore retorce abrem portas de emergência à minha noite.

Um pobre pássaro que agoniza e o travo da cinza, a memória de um olho adormecido na parede e este doloroso punho que ameaça o firmamento descem-me o teu rosto à palma da mão.

Mais duro e leve do que uma máscara, o teu rosto tem na minha mão mais peso do que a jóia em dedos de um receptador quando a mete ao bolso; está afogado em pranto. É sombrio e feroz, coberto por um elmo de folhagem verde.

Tens rosto severo: de um pastor grego. Sempre a fremir dentro das mãos que fechei. Com uma boca de morta onde os teus olhos são rosas e o nariz o bico, talvez, de um arcanjo.

O gelo cintilante de um pudor maldoso que polvilhava o teu cabelo com um aço de astros claros, e te coroava a testa com espinhos do roseiral, que mal sagrado sabe desfazê-lo se o teu rosto canta?

Diz-me que desgosto doido te faz explodir nos olhos esse desespero, tão forte que uma bravia e desvairada dor aparece, apesar do gelo que choras, a enfeitar-te a boca redonda com um sorriso de luto?

Não cantes esta noite aos «Latagões da Lua». Mais vale, ó garoto de ouro, seres princesa pensativa de uma torre a sonhar com o nosso pobre amor; ou aquele grumete loiro que vigia no cesto da gávea,

que à noite desce, entre marinheiros em cabelo caídos de joelhos, para cantar na ponte a «Ave Maris Stella»; todos a agarrar no membro que salta, já, em mãos de larápio.

E para te penetrarem, ó belo grumete de aventura, é que por baixo das calças se entesoam os potentes marinheiros. Meu amor, meu amor, não vais tu roubar-me chaves que saibam abrir o céu onde estremecem mastros

de onde semeias, real, magias tão brancas; neves na minha página, nesta prisão minha que emudeceu: o terror, os mortos em flores de violeta, a morte com os seus galos! Os seus fantasmas de amantes!

Com pés de veludo passa a rondar um guarda. Nos meus olhos fundos dorme a memória de ti. Talvez nos seja possível fugir pelo telhado. Dizem que a Guiana é uma terra quente.

Oh que suavidade o impossível e distante cárcere! Oh que céu dessa Formosa, oh que mar e que palmeiras, as manhãs transparentes, as tardes loucas, as noites calmas, oh as cabeças rapadas e os Peles-de-Cetim.

Vamos sonhar juntos, Amor, um rude amante qualquer tão vasto como o Universo mas todo manchado de sombras. Que saiba conter-nos a nudez em albergues sombrios, entre coxas de ouro, no seu ventre a fumegar,

esplendoroso chulo modelado num arcanjo em erecção sobre cravos e jasmins que as tuas mãos de luz transportam, a tremer, ao seu augusto flanco transtornado com um beijo teu.

Na minha boca a tristeza! Amargura que faz inchar, inchar o meu pobre coração! Adeus vão-se embora os meus amores perfumados! Adeus colhões que tanto amo! Adeus com esta voz embargada, ó minha tora insolente!

Não cantes mais, garoto, deixa em paz essa canção de apache! Sê menina de garganta pura e radiosa ou, se nada temes, o menino musical que em mim morreu muito antes do machado me cortar.

Menino de honor tão lindo coroado de lilases! Chega-te à minha cama, deixa que este membro a levantar-se vá bater à tua face dourada. Ouve, que ele vai falar do teu amante assassino, da sua gesta a brilhar em mil fulgores.

Diz a cantar que tinha o teu corpo e o teu rosto, o teu coração que as esporas de um cavaleiro maciço nunca irão abrir. Ter a perfeição dos teus joelhos! O teu pescoço ameno, a tua mão suave, ter ó miúdo a tua idade!

Roubar, roubar-te o céu salpicado de sangue e fazer uma obra-prima com todas as mortes colhidas ao sabor de campos e sebes, mortes fascinadas ao preparar-lhe a morte, o céu adolescente...

As manhãs solenes, o rum, o cigarro... As sombras do tabaco, do cárcere e dos marinheiros vêm visitar-me a cela por onde me arrasta e estreita um espectro de assassino com a braguilha cheia.

A canção que atravessa um mundo tenebroso é o grito de um rufia que vem com a tua música, é o canto de um enforcado que enrijou como um pau. É o apelo mágico de um ladrão que se apaixonou.

O adormecido com dezasseis anos atrai bóias que nenhum marinheiro lança ao adormecido alarmado. Uma criança dorme esticada, de encontro à parede. O outro enrolado nas pernas que encolheu.

Matei pelos olhos azuis de um belo indiferente que nunca compreendeu o meu amor contido, desconhecida amante numa gôndola preta, bela como um navio e morta a idolatrar-me.

E tu quando estiveres pronto, com arma feita ao crime, e máscara de crueldade, e elmo de cabelos loiros, estrangula a um ritmo louco e rápido de violinos a mulher rica apaixonada pelo palmo de cara que tens.

Vai surgir na terra um cavaleiro férreo impávido e cruel, visível apesar da hora no gesto impreciso de uma velha a desfazer-se em lágrimas. Não tremas, sobretudo, ao enfrentar-lhe o olhar claro.

É aparição que chega do temível céu dos crimes do amor. Criança de abismos, do seu corpo hão-de nascer esplendores que espantam, do membro adorável nascerá um esperma perfumado.

Rocha de granito negro sobre um tapete de lã, com a mão na anca fica a ouvir-lhe os passos. Vai em direcção ao sol do seu corpo sem pecado; e estende-te, tranquilo, ao pé da sua fonte.

Qualquer festa do sangue elege um rapaz formoso que ampara a criança na primeira provação. Acalma o teu susto e essa angústia nova. Suga o meu membro duro como quem suga um gelado.

Sê meigo ao mordiscar a verga que te chega à face, beija-me a tora que inchou, mete na garganta o troço deste malho que engoliste de uma vez. Sufoca de amor, vomita e faz o teu ar de nojo!

Adora de joelhos o meu torso tatuado, como um totem sagrado, adora até ao choro o meu sexo que rebenta e te fere mais do que uma arma, adora esta moca que vai penetrar-te.

Vê-a, como te assalta; e te penetra a alma. Inclina ao de leve a cabeça e vê-a levantar-se. Sentindo-a tão nobre e propícia ao beijo, fazes uma grande vénia e dizes: "Senhora!"

Ouvi-me, Senhora! Morre-se aqui, Senhora! A mansão está assombrada! A prisão voa e estremece! Por aí vamos, socorro!... Neste vosso quarto, Senhora das Graças, levai-nos ao céu!

Chamai o sol, que ele venha ter comigo e consolar-me. Estrangulai estes galos! Adormecei o carrasco! O dia faz um mau sorriso atrás da janela. A prisão para morrermos é uma triste escola.

No meu pescoço sem armadura nem ódio, que a minha mão mais leve e grave do que uma viúva aflora sob o colarinho sem tirar o gelo ao teu coração, deixa os dentes pousarem o sorriso de lobo.

Oh vem, formoso sol, oh vem, minha noite de Espanha, chega aos meus olhos que amanhã vão morrer. Chega, abre a minha porta, dá cá a mão para me levares ao nosso deus-dará.

Podem os céus acordar, florir as estrelas, e mesmo que as flores suspirem e prados de erva negra recolham esse orvalho onde a manhã bebe, dobre o campanário porque só eu vou morrer.

Oh vem, meu céu de rosa, meu açafate loiro! Vem visitar na sua noite o teu condenado à morte. Desfaz-te em sangue, mata, assalta, morde, mas vem! Encosta a face à esfera rapada da minha cabeça.

Nem tudo estava dito sobre o nosso amor. Nem estavam fumados os nossos gitanes. Como pode condenar-se em tribunal tão belo assassino que empalidece o dia?

Vem à minha boca, amor! Abre as tuas portas, amor! Corredores fora desce, corre, mais ágil do que um pastor voa a escada, ainda mais sustido pelo ar do que um voo de folhas secas.

Transpõe paredes; se for preciso anda à beira de telhados, dos oceanos; cobre-te de luz, ameaça, recorre à súplica mas vem, minha fragata, uma hora antes de eu morrer.

Os Assassinos da parede rodeiam-se de aurora na minha cela aberta a este canto de pinheiros altos que a embala, presa por cordames finos, amarrada por marujos que a manhã clara dourou.

Quem fez no estuque aquela Rosa-dos-Ventos? Quem sonhou com a minha casa, no fundo da sua Hungria? Que criança preguiçou na minha palha podre ao toque da alvorada e a lembrar-se de amigos?

Divaga, minha Loucura, concebe para minha alegria um consolador inferno cheio de soldados belos com o torso nu, e às calças cor-de-rosa extrai aquelas flores pesadas com um cheiro que me deixa fulminado.

Arranca sei lá de onde os gestos mais loucos. Rouba crianças, inventa torturas, mutila a Beleza, trabalha as faces, e à malta oferece a Guiana para lugar de encontro.

Ó meu velho Maroni! Ó suave Caiena! Vejo quinze ou vinte ratoneiros de corpo inclinado para o miúdo loiro a fumar beatas que os guardas cuspiram sobre flores e musgo.

Chega uma prisca molhada para nos desolar a todos. Solitariamente erguido sobre duros talos, o mais novo senta-se em leves ancas, imóvel e à espera de uma sagração de esposo.

E em aperto para cumprir o rito, agachados na noite de um pau escuro os velhos assassinos extraem a centelha de fogo que rouba, activo, aquele rapazinho puro, mais comovente do que a comovente verga.

O mais duro bandido verga, respeitoso, os músculos polidos perante o miúdo. A Lua sobe ao céu. Acalma-se uma querela. Mexem--se as dobras de mistério na bandeira negra.

Como te envolvem, tão fino, os teus gestos de renda! De ombro encostado na palmeira ao rubro, fumas. Desce o fumo na tua garganta enquanto os forçados, em dança solene,

graves, em silêncio e um de cada vez, vão extrair à tua boca, meu menino, a gota perfumada; uma só gota e não duas do fumo redondo que a tua língua oferece. Ó triunfante camarada,

terrível, invisível e maldosa divindade! Continuas impávido e cortante, de claro metal, só a ti próprio atento, fatal distribuidor arrebatado nas malhas da rede suspensa que está a cantar.

Tens a delicada alma para lá dos montes, a seguir a fuga mágica de um evadido do cárcere, que morreu com uma bala nos pulmões no fundo de um vale, sem pensar em ti.

Sobe, miúda, pelo ar da lua. Pinga na minha boca, Amor, um pouco desse esperma grosso que escorres da garganta e me chega aos dentes para nos fecundar adoráveis núpcias.

Cola o maravilhoso corpo contra o meu, morto que anda por enrabar o mais suave e meigo dos patifes. E enquanto apalpo, seduzido, os teus loiros colhões, vai o mármore preto desta verga chegar-te ao coração.

Vê como ela se levanta do ocaso em fogo e vai consumir-me! Já não tenho muito tempo; se és corajoso vem, sai dos teus lagos, dos teus mangues, da tua lama onde fazes rebentar as bolhas.

Ó almas dos meus assassinados! Matai-me! Queimai-me! Como um extenuado Miguel Ângelo eu esculpi na vida; mas a beleza, Senhor, sempre a servi com o ventre, os joelhos, as mãos rosadas de emoção.

Os galos da capoeira, a gaivota gaulesa, as latas do leiteiro, um sino no ar, um passo no cascalho, a janela branca e luminosa, são o luzente alegre na prisão de ardósia.

Senhores, não tenho medo! Caísse-me a cabeça na serradura do cesto onde já estivesse, meu querido, o teu rosto branco, e para mais sorte na tua graciosa anca ou, para maior beleza, no teu pescoço...

Cuidado, rei de tragédia com a boca entreaberta! Vou chegar aos teus ermos jardins de areia onde estás muito direito, entesoado e só, dois dedos erguidos, cabeça coberta por um véu de linho azul.

Por um delírio idiota vejo o mais perfeito dos teus duplos! Amor! Canção! Minha rainha! Um espectro-macho será o que vislumbro fora deste jogo, na pupila clara com que examinas o estuque da parede?

Deixa esse rigor, deixa a tua alma cigana entoar matinas; concede-me um só beijo... Meu Deus, ainda me vou desta sem poder apertar-te uma vez de encontro ao coração e à piça!

Meu Deus perdoa-me porque pequei! As lágrimas da voz, a febre, o sofrimento, a dor que é voar das belas Terras de França não bastam, Senhor meu, para ir deitar-me trôpego de esperança

nos teus braços perfumados, nos teus castelos de neve! Senhor dos sítios obscuros, ainda sei rezar. Fui eu, meu pai, quem gritou um dia: Glória no mais alto céu ao deus que me protege, o Hermes de macio pé!

À morte peço a paz, os prolongados sonos, o canto dos serafins com seus perfumes e grinaldas, anjinhos de lã com samarras quentes, e espero noites sem luas nem sóis, em campos imóveis.

Não será esta manhã que mo guilhotinam. Posso dormir tranquilo. No andar de cima o meu delicado preguiçoso, a minha pérola, o meu Jesus, desperta. Vai bater-me com a botina dura na cabeça rapada.

Parece que ao lado vive um epiléptico. Assustada, a prisão não prega olho na treva de um canto dos mortos. Se os marinheiros no mar virem avançar os portos, os meus adormecidos vão abalar para outra América.

Dediquei este poema à memória do meu amigo Maurice Pilorge que assombra de corpo e radioso rosto as minhas noites sem sono. Em espírito volto a viver com ele os últimos quarenta dias que passou, de pés acorrentados e às vezes mãos, na cela dos condenados à morte da prisão de Saint-Brieuc. Os jornais não sabem o que dizem. Conceberam imbecis artigos para lhe ilustrar a morte que coincidia com a entrada em funções do carrasco Desfourneaux. Ao comentar a atitude de Maurice perante a morte, o jornal *L'Oeuvre* disse isto: «Era criança digna de outro destino.»

Numa palavra, aviltaram-no. Para mim, que o conheci e amei, quero aqui afirmar o mais suavemente possível, com a maior ternura, que foi digno, pelo duplo e único esplendor de alma e corpo, do benefício de uma tal morte. Quando eu ia, todas as manhãs e graças à cumplicidade de

um guarda enfeitiçado pela sua beleza, sua mocidade e sua agonia de Apolo, da minha cela à dele levar alguns cigarros, Maurice trauteava, levantado há pouco, e a sorrir cumprimentava-me assim: «Olá, Jeannot Matinal!»

Originário do Puy-de-Dôme, tinha um leve sotaque de Auvergne. Ofendidos com tanta graça, estúpidos mas assim mesmo prestigiosos no papel de parcas, os jurados condenaram-no a vinte anos de trabalhos forçados por gatunagem em moradias da costa e, no dia seguinte, porque ele matara o seu amante Escudero para lhe roubar menos de mil francos, esse mesmo tribunal condenava o meu amigo Maurice Pilorge a ser guilhotinado. Executaram-no em 17 de Março de 1939, em Saint-Brieuc.

Colecção memória do abismo

1 — ÂNGELO DE LIMA
Poemas in ORPHEU 2 e outros escritos

2 — JEAN GENET
O funâmbulo

3 — GEORGES BATAILLE
O ânus solar

4 — LUÍS CERNUDA
Os prazeres proibidos

5 — ANTONIN ARTAUD
A arte e a morte

6 — CHARLES BUKOWSKI
Dá-me o teu amor

7 — F. SCOTT FITZGERALD
A fenda aberta

8 — LOUIS-FERDINAND CÉLINE
Vão navios cheios de fantasmas...

9 — FERNANDO PESSOA
Aviso por causa da moral

10 — YUKIO MISHIMA
Genet
JEAN GENET
O condenado à morte

11 — ALDOUS HUXLEY
O céu e o inferno

12 — GEORGE MOORE
O outro sexo de Albert Nobbs

13 — ANTONIN ARTAUD
Van Gogh, o suicidado da sociedade

14 — CAMILO CASTELO BRANCO
Maria! Não me mates que sou tua mãe!

15 — JOYCE MANSOUR
História nociva

16 — WALTER BENJAMIN
Kafka

17 — D. H. LAWRENCE
O oficial prussiano

18 — HEINRICH VON KLEIST
As marionetas

19 — JEAN GENET
A criança criminosa

20 — GEORGES BATAILLE
História de ratos (Diário de Dianus)

21 — ANTONIN ARTAUD
Eu, Antonin Artaud

22 — EZRA POUND
Patria Mia

23 — MARCEL PROUST
A raça maldita

24 — RAUL LEAL
Sodoma divinizada

25 — JEAN GENET
Infernos

26 — FRIEDRICH NIETZSCHE
A minha irmã e eu

27 — FEDERICO GARCÍA LORCA
Nova Iorque num poeta

28 — MALCOLM LOWRY
Por cima do vulcão

29 — PIERRE JEAN JOUVE
Loucura e Génio

30 — ANTONIN ARTAUD
O Pesa-Nervos

31 — VICTOR SEGALEN
O Duplo Rimbaud

32 — HENRI MICHAUX
Um Certo Plume

33 — MACHADO DE ASSIS
O Alienista

34 — OSCAR WILDE
A Balada do Cárcere de Reading

35 — FEDERICO GARCÍA LORCA
Amor obscuro

36 — JEAN GENET
O Sorriso do Anjo

37 — JEAN PAULHAN
O Marquês de Sade e a sua cúmplice
seguido de *Portugal em Sade, Sade em Portugal*

38 — ERIK SATIE
Memória de um Amnésico

39 — D. H. LAWRENCE
Apocalipse

40 — OSSIP MANDELSTAM
O Sinete Egípcio

41 — MARINA TSVIETAIEVA
O Poeta e o Tempo

42 — FRANZ KAFKA
Carta ao Pai

43 — BERTOLT BRECHT
Histórias do Senhor Keuner

44 — ANTONIN ARTAUD
Os sentimentos atrasam

45 — THOMAS BERNHARD
Trevas

46 — EDGAR POE, MALLARMÉ, PESSOA
Annabel Lee, Ulalume & O Corvo

47 — ÉLIE FAURE
A Dança Sobre o Abismo (Nietzsche)

48 — RIMBAUD-VERLAINE
Graças e Desgraças de um Casal Ventoso

49 — MARCEL JOUHANDEAU
Tirésias (escrito secreto)

50 — GEORGES BATAILLE
A Mutilação Sacrificial e a Orelha Cortada de Van Gogh